

B
F38342m

B301
A9554

J.

GALERIA ARTISTICA

N.º 2

BIOGRAPHIA

DO

ACTOR ISIDORO

POR

JULIO CESAR MACHADO

ILLUSTRADA

COM RETRATO E FAC SIMILE



LISBOA

ESCRITORIO DO EDITOR

Rua Oriental do Passeio Publico, n.º 9, 1.º



Ziclero Sabino Ferreira

verso autógrafo

12

BRITISH

12
BRITISH

12
BRITISH

12
BRITISH

12
BRITISH



BIOGRAPHIA

DO

ACTOR ISIDORO

POR

JULIO CESAR MACHADO

•••••

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES
Rua do Caldeira, 6.

1859

Preço - 120 rs

B

F38342m

ISIDORO SABINO FERREIRA

Ha uma circunstancia, que os actores da nossa terra parecem não haver ainda ponderado, é que — quem sobe ás grandezas sociaes havendo partido da obscuridade e do nada, fica maior ainda, do que se houvesse nascido n'um ambiente, que, de certa forma, o encaminhasse ao progresso de destinos a que o seu talento o conduz um dia.

O pintor celebre da Hespanha, que revelou o vigor notável das suas tendencias, esboçando com um pedaço de carvão um desenho n'uma das paredes da egreja do Escorial, é mais singular e mais grandioso por haver um dia cercado o seu nome de Murillo de todo o explendor da gloria, do que os mestres illustres, que desde a infancia viveram na intimidade da arte, e que estudaram nas academias desde os primeiros dias da sua mocidade!

É-se rebelde aqui a levantar o veu do passado, e deixar vêr algum periodo de má fortuna, ou de ruim situação antiga; e, pelo motivo unico de já hoje haver mudado em prosperidade o revez de sorte, que um dia nos opprimiu, queremos por força que o mundo ignore sempre que chegámos á felici-

dade depois de uma vez a desgraça nos haver calcado, ou a obscuridade dos primeiros passos parecer dever impedir, que chegassemos ao que hoje somos!

Suprema contradicção! Por ventura não é maior o tragicó inglez por haver segurado cavalos ás portas do theatro de Drury-Lane, e ter depois conseguido, pelo ardor de um grande génio e pela exaltada porsia ao engrandécimento dos seus triumphos, que os *gentlemen* que lhe haviam confiado, outrora, as redeas das suas horsas inquietas, aplaudissem com os seus bravos, com as suas palmas, com as suas lagrimas mesmo o author do *Macbeth* e do *Romeo e Julieta*?

Que haveria de especial e de novo nos destinos d'este grande espirito, se uma educação esmerada e as mil attenções de familia o tivessem auxiliado a robustecer um nome, que, d'esta forma, creança obscura, elle teve de crear e de tornar celebre atravez uma existencia de privações e de trabalhos?

Esta é, decididamente, a maior, a mais implacavel e invencivel dificuldade que obsta n'este paiz a biographar um vivo!

Triste condição da vaidade ou do capricho, é esta, que nos não deixa fallar a verdade inteira senão dos mortos!

O maior numero de factos que poderiam allegar e dar seção entretida e gostosa a uma biographia, calla-o o biographado com uma reserva prudente que ninguem lhe agradece, e que apenas tem em resultado concorrer para que o trabalho fique monotonio e palido.

« O sr. fulano nasceu no anno de tal, e depois?

« Depois... É melhor evitarmos essa narrativa; cumpre-me callar isso, por motivos privados.

« Bem! Na edade em que se enceta uma carreira qualquer, n'aquelle periodo memoravel em que o homem gosta da primeira mulher e faz pela primeira vez a barba, o sr. fulano que carreira seguiu?

« Peço desculpa, mas comprehende bem que ha d'estes pequeninos nadas, que influem na nossa recordação, e que não gostamos de... É melhor dizer que a minha familia me destinava á arte tal, mas que as minhas tendencias para a scena, me levaram para o theatro... me levaram para o theatro... e,

sim, que fui para o theatro a tantos de tal, do anno de tal. E o melhor é saltar o mais!

« Muito bem! Ora, qual foi o primeiro papel que representou?

« O primeiro... Isso foi um *papelito*, um *rabulasito*. É mais acertado não tocar n'isso, e fallar apenas de quando entrei no drama tal, seis mezes depois, que foi a primeira parte de força que desempenhei.

« Ah! comprehendo; a primeira vez que representou foi a vigessima!... Muito bem! E, a respeito de factos que se dessem entre si e as emprezas, ou entre si e os seus collegas; quaesquer casos anedoticos, que possam tornar a sua biographia mais interessante?

« Oh! d'isso tenho muito!

« Sim? Excellentemente!

« Mas, não convem que se escrevam, por delicadeza: diriam depois, que fui eu mesmo que dei apontamentos ou indicações para a minha propria historia!

« Ah! não convem, por delicadeza! Maravilhosamente!

« Mas, com as indicações que lhe tenho dado, já pôde delinear um bonito trabalho.

« Lindissimo! Sei o mesmo que o publico a seu respeito, os titulos das peças em que entrou; e mais uma cousa, que é o dia em que nasceu!

« Pois então! Está sufficiente!

« E curioso! »

Isto passa-se no primeiro do mez, na occasião de preparar dados indicativos para a biographia de um actor. No dia quinze do mez, como já esteja escripto e publicado este *interessante* trabalho, o biographo vae procurar uma actriz.

Supponha-se que a actriz é a sr.^a Emilia das Neves: supponha-se que o biographo sou eu.

Para intelligencia da scena, advirta-se que sou um dos mais sinceros e entusiasticos admiradores da celebre actriz, e que desde 1853 nos conhecemos e nos estimamos, como bons amigos.

Bato á porta, faço-me annunciar, e appareço na salla. A grande actriz recebe-me com uma affabilidade de infinita gra-

ça, conversámos algum tempo na melhor, na mais doce, na mais despreocupada alegria d'este mundo sublunar: ao fim de dez minutos, dou á phisionomia uma expressão attenciosa, e, n'um tom melifluo, apuro a voz para dizer com submissão:

« Venho pedir-lhe um favor!

« Um favor! responde Adriana Lecouvreur. Mas dois, mas tres, mas tudo em que eu o poder servir!

Respiro cheio de contentamento intimo, porque a expressão, o tom, o rasgado gesto da artista, me indicam a boa vontade de me ser prestavel. Reforço a voz e n'um tom seguro e firme continuo:

« Venho pedir-lhe apontamentos para escrever a biographia da Rachel portugueza.

A artista enceta um ar severo. Dois segundos decorrem sem resposta; a apparencia d'ella cada vez mais carregada; eu, na minha consciencia, mais attonito cada vez!

« Não entendeu bem, o que acabei de dizer-lhe?

« Perfeitamente!

« N'esse caso, dá-me o prazer de me servir n'isto?

« N'este caso tenho o desgosto de o não poder servir!

— Comprehendo: cheguei tarde! Deu já promessa a alguem de lhe prestar igual serviço?

— Recusei sempre todos que m'o pediram!

— Alguns maus escriptores para quem á sua biographia iria, como uma boa causa para o poder de ruins advogados, ficar sem o que tivesse de bom e com tudo mau que elles lhe prestassem!

— Não! Entre outros sóf Garrett.

— Garrett, quiz fazer a sua biographia?

— Pediu-me, ao menos, dados para isso.

— E recusou Garrett?

— Recusei Garrett, como recusei Rebello da Silva, e como tenho recusado, conforme já tive occasião de dizer-lhe, todos que me tecem feito igual pedido!

Ficámos, um momento, callados: via-a surrir-se, e cuidava que tudo teria de acabar em bem, e que eu sairia d'allí com os meus apontamentos, ou com a promessa de no dia seguinte os alcançar.

— Queira dar-se á bondade de ouvir-me, minha senhora. É possível que um grande motivo, a seus olhos, pareça obstar á utilidade de legar a sua biographia a Portugal; mas esse motivo é bem pequeno, necessariamente, porque se a impede de o fazer v. ex.^o, não impede que outro qualquer o faça; para a biographia da vida publica de um artista, é apenas questão de delicadeza a licença que se lhe pede, ou para que o artista auxilie com apontamentos pouco sabidos um trabalho que, de acordo o biographo com o biographado, inevitavelmente ficará melhor! Por isso, veja bem que me recusa um serviço que a indagação pôde prestar-me, e em que só sacrifico algum tempo que houvesse de empregar melhor do que a procurar informações da sua carreira de actriz, nos jornaes antigos, no velho reportorio, e na remeniscencia dos artistas contemporaneos que fizeram carreira com v. ex.^o

— Sei tudo isso. Tambem, ha tanta sinceridade na minha recusa, como no pedido que vou fazer-lhe: não escreva esta biographia, e quando souber de alguem que a esteja escrevendo, empregue todos os recursos da sua boa vontade para impedir que essa pessoa leve ao fim este trabalho!

— Ha para isso um motivo justificavel?

— Ha mil. Não comprehende acaso—que uma pobre criatura, que a gloria illuminou um instante, e que a inveja, a intriga, a má vontade, o odio talvez, conseguiram affastar da scena, perseguida e guerreada, deixe á sua alma o direito de h'um supremo impulso repellir toda a tentativa de nova gloria, todo o esforço de maior celebridade. Biographia! Em que lhe parece que deva interessar o publico, uma historia que elle vê interrompida sem se inquietar! As almas que maior ambição tiveram de prestigio e de luz, são as que mais tarde, ás vezes, pedem á obscuridade maior sombra e maior olvido! Ha ainda um serviço a prestar-me, ha; e qnem se sentir levado de boa amizade por mim, será este o favor melhor que me alcance: impedir que se cite o meu nome, impedir que se falle de mim, impedir sobre tudo que se escreva a meu respeito! Actriz sem theatro! actriz sem palco! actriz sem papeis!

Palida, insinuante, cheia de entusiasmo na sua dôr, a grande actriz sentira accordar-se-lhe a alma á idéa da scena,

dos seus triumphos passados, dos revezes e dissabores que a devoram hoje. Crescia diante de mim, á proporção que o calor do entusiasmo lhe animava o olhar, aquele olhar delicioso que já foi o olhar d'amor da Margarida Gauthier, o olhar de ciume da Adriana Lecouvreur, o olhar de mãe da Magdalena!

Depois, aguia ferida, caiu na desesperadora raiva da tristeza que a sua alma engrandece, e n'aquelle grande desespero de artista, eu creio que ainda havia a saudade da scena, lembrança eterna para um talento que alcançou n'ella as suas glórias!

Instei ainda alguns momentos, mas era-me penoso teimar. Havia sinceridade n'aquelle rebelde insistencia. E quando mesmo não a houvesse, perdoava-lhe,—porque já levava de ganho, n'este acontecimento, uma scena palpitante de originalidade! As grandes almas de artistas são doentes de caprichos, de hesitações, e de duvidas. De mais a mais, d'esta vez não era só uma alma de artista, era—uma alma de artista n'uma alma de mulher. Tinba, como tal, o direito ao capricho, por mais injustificavel, por mais desarrasoad, por mais absurdo! Diz-se que é preciso estudar os livros e as mulheres; antes as mulheres: são mais bem escriptas!

O certo é que estamos no paiz das dificuldades e das hesitações. Tudo nos fica mal, e para nada fazermos serve de pretexto o receio em que andamos sempre de poder dar occasião a que se falle de nós. Singular abnegação de celebridade, que leva os nossos artistas a deixarem morrer na sombra as memorias mais interessantes e originaes da sua carreira, de preferencia a trazel-as para a luz, e confial-as á duração gloriosa da imprensa!

A vossa historia pertence-nos! Fomos nós que vos fizemos grandes pelas nossas palmas, pelos nossos bravos, pelo nosso entusiasmo de espectadores; e essas primeiras manifestações de estima e de agrado ganham o direito de conhecer todas as eventualidades de destino que vos engrandeceram!

O actor de quem hoje conto a historia, prestou-se-me com a boa vontade mais graciosa d'este mundo a responder com aturada paciencia ás mil perguntas com que caustiquei a con-

descendencia a que se quiz dar. Ha todavia alguem que lhe agradecerá ainda mais do que eu, é o leitor!

A popularidade do sr. Isidoro, dispensa-me de o tomar pela mão, e de 'ter o gosto de lh'o apresentar', phrase que faz fortuna nos bailes, e *fasco* nas biographias!

O publico de Lisboa conhece-o como aos seus dedos. Elle tem-nos apparecido de uns poucos de seitios, e o publico ainda não teve a habilidade de o vêr, quer fosse de sacristão, quer de entrevado, de homem fogoso, ou de pagem de magica, que não ficasse tres dias a fallar d'elle e a rir-se!

É o typo do actor-comico dito e feito; d'aquelle genero especial de artistas que têm o dom de distrair toda a gente, e em toda a situação; que não teem valor estimativo para esta ou aquella classe, para esta ou aquella edade: e, quando estão no palco, ao passo que distraem os homens e divertem as senhoras, teem a arte tambem de fazer rir as velhas e as creanças!

Moniz, que morreu, era um actor com estas condições. O sr. Theodorico, do theatro normal, encontra tambem no seu variado talento, sempre que os quer aproveitar, abundantes dotes de uma veia comica chistosissima.

Antes de lançar ao papel a phrase impreterivel de um cordato trabalho biographico—nasceu a tantos de tal—permita-se-me que previna já o leitor de que o sr. Isidoro é um homem de singulares circumstancias de vida, e de coincidencias tão encontradas que me dão vontade de dedicar a historia ao sr. Dias do Quintal, colleccionador pachorrento de todas as *Coincidencias notáveis* que se tem dado no mundo, e de mais algumas de que este author tem noticia!

São symbolicas as mais leves circumstancias a que se prende a existencia d'este artista: tudo parece predestinado na sua carreira publica e na sua vida privada. O que para as outras criaturas apenas tem a importancia de memorar um acontecimento,—uma data, um dia, um numero, uma certa hora, um nome—parecem na vida d'este actor um presagio, um aviso, um conselho, que o preparam para as glorias ou para as tempestades da vida!

Assim, este homem nasceu em dia de *finados* de 1828! Foi baptisado a 2 de janeiro de 1829, n'uma *sexta feira*. Em ja-

neiro de 1842, foi aprender o officio de tecelão na fabrica de Xabregas, e foi tres annos numero *treze*. Trabalhou dois annos no tear numero *treze*! Depois de official foi obrigado a dar seis mezes de aprendiz em castigo de uma falta que commeteu na *sexta feira* de Passos de 1845, e ficou tendo o numero *vinte e seis*, que é duas vezes *treze*!

Não é tudo.

Em 1846, assentou praça no 2.º batalhão movel, e durante oito annos foi numero *treze*!

A primeira vez que representou em theatro particular foi a *treze* de junho de 1846; e em theatro publico n'uma *sexta feira*, 30 de novembro de 1849.

Ha mais ainda a citar: foi escripturado para o Porto e embarcou para lá no dia *treze* de maio de 1851. Fez o primeiro ensaio no Gymnasio n'uma *sexta feira*, 11 de março de 1853.

E, para coroar este catalogo de *memoranda*:—casou no dia de S. Bartholomeu!

Ora, está provado hoje que o sr. Isidoro é invulneravel, creio que mesmo no calcanhar o que não sucede ao capitão de Homero! Um homem que tendo nascido em dia de *finados* e casado em dia de S. *Bartholomeu*, chegou já aos seus trinta annos, e é um marido apropositado e feliz, tem que contar!

Se fosse francez tinha morrido de sustos por causa da teima com que o persegue o maganão do numero *treze*, que, Deus queira que eu me engane, ainda lh'a ha-de pregar séria!

Se fosse italiano, tinha atraizado a sua carreira, visto que tudo lhe cae á *sexta feira*, e que todo o bom italiano julga infeliz qualquer acto ou contracto feito no dia da morte de Christo!

Mas o sr. Isidoro é o typo d'aquelles heroes flamengos das novellas de Henri Conscience: um homem que atravessa o maravilhoso e o impossivel, fresco, sereno, e inalteravel.

Bem lhe importa a elle, original indole, que a sua existencia esteja bordada de sextas feiras, matisada de numeros *treze*, e moldurada n'um dia de *finados* e n'um dia de S. *Bartholomeu*. Não se admira de cousa alguma. Se se visse transformado em judeu errante era capaz de não dar por isso!

Estava talhado para ser um dos monumentos da seita dos treze, e desempenhar por vocação o cargo de *chevalier de la Table-ronde*, heróes que faziam vida de praticar proesas, castigar tyrannos ou defender innocentes, e a quem só faltou para serem dotados de todo o merecimento util, expurgar o mundo de beatos e de agiotas!

A superstição mais accepta em quasi todos os paizes é a do numero treze. Observa-se, mesmo entre nós, que é raro um barco que tenha de fazer viagem longa, largar vela em dia treze de mez; e nos caminhos de ferro até, escacéa mais a concorrença n'este dia, por não querer muita gente principiar jornada durante elle.

Em casa de um fidalgo nosso, havia uma creada de origem franceza, que viera de pequena para Portugal. Esta creada quebrava tudo assim que lhe pegava. Como se chamava Ignez, e por gracejo ás vezes lhe chamavam Ignez de Castro, o dono da casa dava ao appellido a pronuncia franceza, e chamava-lhe Ignez *Casse-trop!* (Ignez quebra de mais.) Quando, ao verem-n'a fazer em pedaços uma procelana, ou deixar cair um copo de christal, a arguiam da sua pouca cautela, defendia-se sempre com esta simples jnstificação:

— Eu não tenho culpa, senhores! Nasci n'um dia treze.

Ao voltar de uma viagem que emprehendera a Paris, e a algumas terras de Hespanha, o meu amigo S. P. contou-me entre outras circumstâncias de viagem, a seguinte historieta:

— Tanto em França como em Hespanha, mas principalmente em França, fui perseguido nos hoteis pelo numero treze, que succedia ser sempre o numero do quarto que me davam. Quando eu pedia outro, respondiam-me pela maior parte das vezes que era impossivel darem-m'o, por todos mais estarem tomados; quando, porém, diffinitivamente o recusava, propunha-se-me então diligenciar dar-me outro, e outro se me dava. Tantas vezes me aconteceu isto, que uma occasião contei a historia rindo a uma creada de *hotel*, rapariga sincera que me honrava com a sua confiança, e a quem fiz a grave narrativa da singular casualidade, que se dava comigo, de quasi sempre encontrar apenas o quarto treze, o que, disse eu suppôr, seria apenas em resultado de ninguem o querer acceitar! Exacta-

mente! respondeu a rapariga, surrindo. O quarto treze permanece de voluto, embora todos os outros quartos estejam allugados; advinhou a verdade. Agradeci-lhe com um abraço esta doce confidencia, que me deixou certo de que o numero treze me perseguiu tanto a mim, como a toda a gente que procurava quarto! Encontrei, porém, uma vez, uma *fonda*, cujo dono deu prova de ter mais espirito do que todos os proprietarios de *hotel*. Como o quarto treze não se lhe allugava, unicamente por ser treze, substituiu-lhe o numero por um doze repetido, e os viajantes escrupulosos, que, ao entrarem para o quarto que se lhes dava, queriam examinar o numero, em vez de treze liam **12 — 12.**

Acontecia que, n'alguns hoteis, o proprietario menos atento tinha quasi riscado o numero treze, e collocado o numero quatorze por cima, veu pouco denso que não occultava completamente os restos do treze apagado, o que dava logar por vezes a uma nova edição da fabula do gato envolvido na farinha, que deixara por descuido parte da cauda de fóra, e a quem o rato disse mal que lh'a avistou *Ita valeas ut farina es!* Tanta saude tenhas, como é verdade isso qne ahi está ser farinha!

Ao sr. Isidoro, felizmente, o numero treze tem sido caustico sem se tornar fatal; e se, acaso, se afflige por lhe cairem tantos acontecimentos á sexta-feira, faça de vespura o que reservar para esse dia, e em elle chegando durma-lhe bem pella manhã adeante, jante de carne em casa, beba só Porto ou Madeira secco, e entretenha as primeiras horas da noite a fazer paciencias com um baralho de cartas, na certesa de que com taes medidas preventivas não succede mal a ninguem em qualquer sexta-feira de que a folhinha réze!

Voltemos porém ao assumpto principal. O sr. Isidoro Sábino Ferreira, nasceu no dia de finados de 1828 que n'este anno coube a 3 de novembro, por ser domingo no dia 2. Abriu os olhos no mundo na travessa do Pereira, que tem no topo o Cardal da Graça, á direita o sitio chamado a Glória, e á esquerda a rua do Paraíso. Refinado e excentrico maganão, logo ao nascer quiz ser pomposo, e deixar nosso pae Adão despeitado! Nosso pobre pae Adão, que se deu por contente de

nascer em graça, mal cuidava que viria ao mundo mais afortunada creatura, que nascera entre graça, gloria e paraíso!

O sr. Isidoro Sabino Ferreira é filho de um operario da officina de carpinteiros de reparo do arsenal do exercito, que cegou de gotta serena seis mezes antes d'elle nascer.

Reformado na terça parte do seu salario, imagine-se em que difficeis circumstancias materiaes se encontrou esta familia, pae, mãe, e tres filhos.

Os dois irmãos mais velhos ainda alcançaram a primeira educação. Com as despesas d'esta, porém, e com os maus pagamentos dos arsenaes, justamente desde a epocha do nascimento do ultimo filho (1828) até 1834, exgotaram-se todos os recursos pecuniarios, e o pequeno Isidoro não pôde entrar na escola por falta de meios!

Todavia, era tão intimo o desejo de saber ler, que quando via algum dos irmãos pegar n'um livro e papaguear uma pagina, chorava de inveja e de magoa de não poder fazer outro tanto!

A sua juventude passou-se no largo da Graça, e n'aquella epocha era de habito juntarem-se alli os rapazitos do sitio a brincar. O pequeno fazia sociedade com os que entravam e sabiam da escola que havia n'esse tempo, no principio da travessa da Veronica junto ao cemiterio da Graça, e, como é natural, os rapazes papagueavam o abecedario de cór, o que fez com que em pouco tempo elle o soubesse repetir tambem.

Como as ambições da vida crescem á proporção que se ganha terreno, este heroesito entrou a scismar com uma carta de abecedario, e communicou este sonho largo a um dos companheiros das folias da tarde; chegaram a um acordo os dois pactuantes, promettendo o outro dar-lhe as cartas em troca de trinta sêllos de chumbo. (Sêllos dos pannos, com que os rapazes costumam brincar e jogar.) Ajuntou o pequeno esta somma, e assim que a completou effectuou-se, com lisura, o contracto ajustado.

Então, não sahiu de casa durante tres dias, entretido a ver as primeiras letras, que elle não conhecia ainda de vista, mas que já tinha o gosto de conhecer de *reputação!* Como lhe sabia os titulos pela sua ordem, foi-lhe facil decorar a figura,

e dentro de um mez sabia já ler nomes sem auxilio de mais ninguem, senão da sua *carta*, que sem ser *de conselho* lhe deu os unicos por que se guiou.

Para conhecer os algarismos é que suou um pedaço. Na citada travessa da Pereira principiava a numeração como de regra por numero 1 na primeira porta, e o pequeno ia contando as portas e dando o valôr á letra que via por cima; mas n'esta travessa havia o numero 10-A, a que elle chamava 11, e assim por deante. Deram-lhe os irmãos a explicacão d'este engano, mas com seu custo porque se fallavam pouco, em virtude da differença de genios.

Em 1839, foi aprender o officio de chapeleiro para uma fabrica da rua da Prata, onde se conservou durante anno e meio apenas, porque sendo o patrão sevéro, e o pequeno além de desinquieto, teimoso, tiveram de conhecer que 'duro com duro não faz bom muro', e o joven chapeleiro abandonou os lares, abdicando a missão honrosa de cobrir a cabeça do homem!

Tomou esta deliberação no anno de 1840, e resolveu-se a tomar novo officio. Aposto que este 1840 bem observado hade ter o quer que fôr de cabalistico. Este homem não era um vulgar individuo que tivesse o chapéu na cabeça; tinha a vida no chapéu, visto viver de os fabricar! Evidentemente, deve ter havido aqui força maior, algum mysterioso poder que lhe tirou o chapéu das mãos! Isto passou-se no anno de 1840; 1840! examinemos este embuçado. Sommêmos os algarismos

1

8

4

Somma... 13

Treze! Não lhes disse eu? Vejam agora se foi ou não foi poder occulto, que moveu o numero 13 disfarçado em 1840 a vir qual *Deus ex-machina* no momento de alguma rixa com o patrão fazer com que este homem perdesse a cabeça a ponto de querer perder os chapéus! Certo é que em 1841 viu que

não havia remedio senão tomar vida nova, e foi aprender o officio de tecelão para a fabrica de Xabregas, onde deu signal de taes progressos que os mestres o elogiam muitas vezes, apesar de terem que o castigar por ser pouco dado ao trabalho, e levar o tempo a ler veros e estudar a arte metrica; chegára a este novo Paturot a mania de querer ser poeta!

No entrudo de 1846 reuniram-se alguns companheiros da fabrica, para dar um *balance*, e lembrou-se o sr. Isidoro de propôr, que representassem duas farças para a festa ser mais pomposa. Annuiram os collegas, com a condição de que elle dësse as farças e os ensaiasse a elles.

Acceitou com jubilo estes dois cargos gloriosos, e n'esse mesmo dia foi debaixo da arcada do Terreiro do Paço, e investigou com eruditó acerto a bibliotheca de barbante que alli estaciona, livre de estante e em arejada independencia; comprou, depois de meditação bem empregada, os entremezes *Cae no logro o mais esperto*, e *Os dois mentirosos*, que pelos titulos e por leve leitura de uma ou outra phrase lhe pareceram obras destinadas a uma acceitação merecida.

No sabbado gordo, e na segunda-feira do Carnaval, em uma alcôva na rua do Sol (á Graça) representou o nosso homem nas duas peças, desempenhando n'aquelle o papel de Trambolho, e o 1.º Mentiroso na ultima que citei.

Como foi applaudido, ficou-lhe logo o desejo de tornar a representar: e, comunicando esta idéa ao seu companheiro de officio o sr. Abreu, que mais tarde foi seu companheiro d'arte no theatro do Gymnasio, este, que n'aquelle epocha era socio do theatro das Escollas Geraes, convidou-o logo para ir fazer os papeis de Condessa de Tentugal, no drama o *Captiveo de Fez*, e a madame Limonada na chistosa farça *O Enredador*.

Lá como elle se sahiu d'esta é que não serei eu que o ju: o sr. Isidoro feito Condessa de Tentugal é mais duro de roer do que aquelles seixos das praias, que Demosthenes metia na bocca quando se experimentava em oratoria fazendo discursos aos rochedos!

Esta récita, como dissemos na lista das datas fataes, foi a 13 de junho de 1846, ultima que se deu n'este theatro e se-

gunda em que entravam os srs. Abreu, e Simões, hoje actor do Gymnasio.

Conta o sr. Isidoro que o efecto que esta récita lhe produziu, tocou o incrivel: não dormia de noite a pensar no theatro, e durante o dia juntava os companheiros em roda do seu tear e contava-lhos os enredos das peças, e as diversas sensações porque havia passado. D'ahi em deante, não quiz saber mais da poesia, no que fez bem, e empregou toda a atenção do seu espirito em ler comedias. O *Archivo theatral*, publicação antiga que deu em folheto todas as melhores peças do reportorio da Rua dos Condes — *Torre de Nesle*, *Catharina Howard*, *Lucrecia Borgia*, *Camara Ardente*, *Nodoa de Sangue*, *Trinta annos ou a vida de um jogador*, *O Prevoste de Paris*, *O Gaiato de Lisboa*, *Os Desafios*, *O Cabrito montez*, *O Urso e o Pachá*, *os Sete Infantes de Lara*, *Bergami*, *D. João d'Austria*, *Magdalena*, *O Tributo das cem donzelas* etc., foi lido com ancia por este amador entusiasta da litteratura dramatica, que fez com estas pessimas traducções uma instrucção de comedias e de melodramas capaz de enlouquecer o demonio!

Em seguida a essa representação, foi convidado para duas sociedades particulares como socio de mérito, que não chegaram a ir ávante, em resultado da commoção politica de outubro de 1846, que o obrigou a assentar praça em um batalhão nacional.

Ainda assim, durante a effectividade do serviço militar, representou algumas vezes em theatros particulares.

Como esta epocha favoreceu pouco os theatros, e o desejo que tinha de os frequentar era ardentissimo, resolveu-se no principio de 1847 a ir para o theatro de D. Maria II, que n'essa occasião ensaiava *Gonçalo Hermigues o traga moiros*, drama do sr. Aguiar Loureiro, e foi admittido na qualidade de comparsa a entrar n'esta peça e nas outras de spectaculo que se seguiram até 1849.

Ahi, teve o homem de passar tormentos fabulosos para conseguir ver as peças todas; ora o mandavam retirar dos bastidores e ia para o urdimento, ora o mandavam sair do urdimento e vinha para os bastidores!

Conseguiu ver as peças tantas vezes, que as sabia de cór,

a ponto de escrever de memoria o 1.^o e 2.^o actos do *Alcaide de Faro*. Estas noticias parecerão maravilha a alguns leitores, mas hão-de dar-lhe credito e valôr os que sabem até onde costuma ir a furia dramatica nos amadores entusiasticos da scena, que comem, bebem, e sonham theatro!

Ora apreciem esta amostra que segue:

Uma vez estando ás duas horas da noite de sentinella no quartel dos Paulistas, viu-se surprehendido pela maior parte dos soldados da guarda que se tinham levantado para rir á custa d'elle na occasião em que repetia todo senhor de si:

—Sabio? Não o sou, Ibrahim: e que o fosse?!

O peor foi que, depois de haver perdido a balda de fazer versos, ganhou a de os recitar, e fez da memoria um armazem de poesias em que *A minha Patria*, *O Veterano*, *Os amores de um soldado*, *A Lua de Londres*, *A Voz do Cego* etc., tinham tomado todas as accomodações mentaes em disponibilidade. Viveu, como não é para estranhar de tão prendado curioso, n'uma roda viva de theatros particulares onde era instado para preencher os entre-actos.

Em 16 de julho de 1849 representou no theatro d'Almada, a publico pagante, cheio de um susto, natural em quem se dá a admirar por dinheiro, n'uma scena d'esta ordem em que a platéa se compõe pela maior parte de pessoas que estão a banhos na Outra-Banda, e que se encarregam quasi sempre de dar aos artistas dramaticos que alli arribam outro banho, mas de bagas de suor, á força de os opprimirem com uma caçoadia permanente, que torna os pobres homens afflictos e titubeantes!

Todavia, não foi d'esta vez a fortuna para nenhum ruim, e o sr. Isidoro escapou a salvo da tempestade habitual, em que costuma afundar-se, em todas as récitas, aquelle velho chaveco do theatro d'Almada.

A Fortuna é mulher, e nunca vae mal o que lhe aproveitar os caprichos: o accolbimento auspicioso que ella dera ao artista na primeira vez que se fez ouvir de um publico que havia comprado bilhete, era, por assim dizer, uma promessa, uma incitação, uma esperança de que melhores favores lhe reservava no futuro se quizesse segui-la e requestal-a!

O sr. Isidoro que sem ser nenhum petimetre, foi, é, e será sempre um grande namorista da Fortuna, entendeu que devia fazer-lhe a corte, e tomou aquella récita do theatro d'Almada, como o primeiro olhar, o primeiro sorriso, a primeira flor que se tira do *bouquet*, e se deixa cair para que o preferido a guarde!

É verdade que não escolheu um grande templo para dar a primicia dos seus favores—essa indiscreta Fortuna, que tantas vezes se recusa a volver os olhos para o theatro normal, e que teve a vineta de ir a Almada n'aquella noite!

Mas—oh! deixem que eu a defendam; eu para quem ella nunca olhou, eu que só a tenho á vista em sonhos, eu que só de longe a adoro! E defendo-a de consciencia, por que me seduz e me atrai, essa graciosa esquiva a quem por mais que estenda os braços ainda não pouse abraçar na minha vida! Defendo-a: isto é, defendo-a do que lhe argui, que foi d'ella não querer ir ao theatro normal; d'isso defendo-a eu, e defende-a o gosto; nem poderia velar como deve, porque adormecia antes do primeiro entre-acto, e a Fortuna deve estar alerta para não se deixar agarrar em sitios que não a merecem!

O sr. Isidoro teve a felicidade de não se dedicar debalde a agradar á Deusa. Esta loira prestigiosa engraca principalmente com o olhar firme e energico do ambicioso, e o artista cuja historia conto é uma alma emprehendedora, que se deixa ler em dois olhos, cheios da luz da força e da vontade. Tem o typo do trabalhador intelligent, do trabalhador por indole e por necessidade, o typo-povo incarnado n'um individuo, como diz George Sand a respeito do Masaccio no *Horace*. Ha certa expressão de laborioso talento através das suas feições, que são, por sim de tudo, vulgares e pouco bellas. Mas ha energia, mas ha vontade, mas ha independencia na phisionomia d'este homem, e a Fortuna que estava em hora de benevolencia deixou-se namorar.

Então, o sr. Isidoro foi ao antigo theatro do Salitre, de que n'esse tempo era empresario e ensaiador o sr. José Martiniano da Silva Vieira, e alcançou logo ser escripturado. D'esta vez porém, aqui para nós, a senhora Fortuna não teve

grande rasgo para com o seu pupillo, porque o pobre do actor alcançou apenas ganhar 720 réis por cada récita! Ora tenham lá talento e arte a 720!

Estreou-se a 30 de novembro de 1849, na comedia *Uma Fraqueza*, desempenhando o papel de Lourenço: e recitou uma poesia *A Baixa do Soldado*, abundante em versos impiamente aleijados!

Deu-se então ao desempenho de papeis dramaticos, pela maior parte, até á récita de 18 de março de 1850, ultima d'este theatro em que entrou, porque apesar de estar escripturado até outubro d'esse anno, tanto o aconselharam e instaram a que fosse para a provincia, engodando-lhe o animo com promettimentos faustuosos, entre outros o de representar exclusivamente os papeis de sua escolha, que com a mira n'estas promessas deixou o Salitre, e a 2 de abril de 1850 deboutou na Ericeira com as comedias *Os tres Provincianos*, e *Vou para a California*. A verdade, n'este ponto, pede seccamente que se diga, sem embargo da ostentação propria da arte, que o theatro era n'um celleiro!

Isto é tanto menos para causar espanto, que o *Fr. Luiz de Sousa* nunca agradou tanto a uma platéa como de uma vez, na província, em que foi representado em cima de um balcão!

O peor foi, que n'esta Ericeira os interesses sahiram tão bons como o theatro, e a companhia teve de partir para Torres Vedras, onde representou pela primeira vez a 21 d'abril, nas peças *O Amor Maternal*, e *O Medico da Nova Escolla*.

Esta platéa que tinha mais de bondosa do que de productiva, applaudiu-o muito, tanto no desempenho dos papeis de galan nas duas peças citadas, como na recitação da poesia *Os Amores de Ibrahim*, mas fez-lhe conhecer que os interesses não iam em proporção com a gloria, porque na noite de 16 de maio em que o homem acabava de representar um papel de importancia *transcendente*, como agora se diz de tudo, na peça *O Preto Vingativo*, melodrama de assumpto negro como a cara do protagonista, repartiu-se ás primeiras partes, depois de quatro dias em que não houve spectaculos, a 70 réis por cabeça!

Ora fazer-se um homem *preto vingativo* para ganhar tanto

como um arratel de carneiro em qualquer talho, é triste condição da arte dramatica em Torres Vedras!

Minutos depois de lhe entregarem esta somma, ou para melhor dizer este *tróco*, foi o sr. Isidoro procurar um primo a quem dois dias antes havia encontrado ali; entregou-lhe a caixa para que a fizesse conduzir a Lisboa, e ás duas horas da noite poz-se a caminho para a capital, armado dos 70 réis, e de um chapéu de chuva.

Succede que, quem lhe ensinou o 'caminho' não sabia que elle não tinha 'dinheiro' e indicou-lhe a estrada da Alhandra para que poupasse 'caminho' quando elle devia ter tomado a estrada de Lisboa para poupar 'dinheiro'! O resultado foi, chegar ás dez horas da manhã sem 'dinheiro', porque com os 70 réis havia almoçado no 'caminho'!

Abi fica então este novo Robinson de terra firme, sem um vintem de seu para pagar o vapôr, nem pernas que o trouxessem para Lisboa n'aquelle dia, porque as cinco leguas que vão de Torres a Alhandra são d'aquellas que o diabo andou em duas horas! Imaginou mil meios para poder embarcar sem pagar, mas por mais que empreendesse não acertava!

Lembrou-se, por fim, de se fingir doente, porque já sabia que no vapôr se conduzem os doentes de graça.

Foi para a ponte e quando passava alguem perto d'elle, desatava a gemer; todavia, ninguem se demorava a inquirir os padecimentos d'este engenhoso Croustillac d'ocasião, e não teve remedio senão desmaiár, para ver se assim excitava alguem' a soccorrel-o e a atiral-o de graça para o vapôr, que já vinha tocando o caes.

Como os animos não estivessem propensos á caridade, encheu-se de rasão, levantou-se de um salto e embarcou. Qual foi, porém,—oh Santos e Santas de primeira classe—a perturbação e o susto que esta alma passou, quando viu o homem do barco, com a caixa de folha na mão para vender os bilhetes, vir direito a elle para o esportular!

Teve a idéa de se deitar ao mar; não foi a mais fresca que lhe ocorreu, porque a este tempo lombrigou o dispenseiro no seu beliche a mecher em dinheiro, e correu para elle em todo o fogacho de uma inspiração brilhante.

— O lá, homem! O lá, homem? gritou-lhe o dos bilhetes.

— Dirá, senhor! respondeu o nosso 'viajante', que ficou mais encolhido do que o 'piolho' *idem*!

— É escusado pedir á dispensa, cá tenho trôco!

— Tem, o que?

— Trôco!

Esta advertencia despertou-lhe a idéa de pedir os oito vintens emprestados ao dispenseiro, sobre o seu chapeu de chuva! E o dispenseiro prestando-se a dar os oito vintens, prescindiu de penhor! Ora, para um 'dispenseiro' já não é 'dispensar' pouco!

Este nauta improductivo á companhia dos vapôres, ou antes á bolsa do dispenseiro, jurou aos seus deuses, tão depressa arribou á ponte do Terreiro do Paço, não sair mais de Lisboa sem maquia certa ou banqueiro de credito na villa a que se dirigisse!

Effectivamente foi representar á Alhandra e a Salvaterra, com a mesma companhia, n'algumas peças em que estava pre-
-so, mas nunca d'abi em deante deu um passo sem dinheiro adeantado!

Em setembro de 1850 formou-se no Salitre uma sociedade de actores, para a qual foi convidado. Mas, despotico Kean d'estes tempos, poz-se de mão na ilharga e exigiu com soberania que se lhe desse 1000 réis cada récita. Era de arruinar uma empresa!

A primeira récita d'esta sociedade foi a 29 de outubro d'es-
-se anno, com o drama *Pedro o Aretino*, em que desempenhou o galan: e uma farcita *Scenas contemporaneas* em que teve o papel de distribuidor de periodicos e recitou uma poesia (pudéra não!) intitulada *Uma lagrima pela patria*. O drama é uma sofrível peça de que a accão é baseada na historia do escriptor satyrico Pedro d'Arezzo, que no 1.º acto, quando lacaio ainda, revéla por um escandaloso soneto contra o amo, escripto na fachada do palacio, a veia fatalmente mordaz que mais tarde deu nome ao author da *Cortezan*. A farça, era uma serie de scenas toleraveis que tanto precisavam ser *contemporaneas* como passadas ou futuras. Em quanto á tal lagrima pela patria era uma tolice, que é o que costumam ser estas 'lagri-

mas' por isto e aquillo, que coalham para dar umas sextilhas ou umas oitavas!

Em Maio de 1831, foi escripturado por dois mezes para o theatro de S. João, do Porto, pela actriz Emilia das Neves com quem debutou no *Gaspar o Pescador*, melodrama de Bouchardy, desempenhando a parte de Brigadeiro Pedro. Grandes foram as esperanças de se adeantar na arte com esta escriptura, não obstante ser por pouco tempo, por ser a primeira vez que era ensaiado por artistas da esphera de Victorino e Emilia das Neves. Acrescia a esta vantagem, a distincão de haver sido chamado para substituir o excellente actor Abel, artista portuense que eu nunca vi representar mas a quem tenho sempre ouvido tecer louvores. Todavia, ou porque não satisfizesse os desejos da emprezaria, ou porque lhe não caisse em graça, o certo é que tanto alli como nos theatros de S. Carlos e de D. Fernando, nunca passou de entregar cartas, e annunciar o sr. fulano ou o sr. beltrano.

Perdeu então o gosto pelo theatro, e tratou de trabalhar pelo seu officio, desenganado que nunca podia representar, por que se persuadiu não poder existir merecimento em actor a quem aquelles dois mestres da scena o não haviam encontrado!

Como para se despedir da arte, foi outra vez para o Salitre, e ahi esteve até ser escripturado para representar em diversas terras do Ribatejo, por mil e duzentos cada recita, e mais casa, cama, e mesa! Singular escriptura! Foi a primeira representação em Santarem, a 28 de abril de 1832, com o drama *Fernando ou o Juramento*, quesilenta inspiração do sr. Braz Martins, a farça *Pagar o mal que não fez*, e uma poesia — que d'essa vez foi *A minha patria*, sem 'lagrima'!

Por esta digressão readquiriu o gosto que havia perdido, especialmente na Azambuja, onde teve a fortuna de agradar a ponto de passar os cinco mezes, em que abi esteve a companhia, em casa do conhecido lavrador o sr. Felix de Carvalho, que teve muita sympathia por este actor. Viveu então abi na valiosa intimidade do sr. D. Francisco de Noronha, esposo da senhora Marqueza de Vagos, com cuja familia representou por muitas vezes, no seu palacio de Aveiros de Baixo.

As sezões é que não o deixaram livre no meio d'esta existencia que lhe estava a saber tão bem! Fizeram-o voltar para Lisboa, e deixar ir a companhia para Aldéa Gallega sem elle.

Como havia perdido a esperança de trabalhar em theatros regulares, resultado do que lhe sucedera na companhia da sr.^a Emilia das Neves, foi trabalhar pelo officio desde dezembro de 1852 até fevereiro de 1853, em que foi convidado para substituir o actor Lobão, que se havia retirado do theatro da Rua dos Condes.

O representar em Lisboa, avivou-lhe de novo o desejo de entrar n'um theatro regular, e como tinha a convicção de que não poderia fazer carreira como actor, pelo que lhe sucedera no Porto, resolveu entrar como discípulo no theatro do Gymnasio.

Dirigiu-se a casa do actor Taborda, que não só é o artista que cada um applaude de melhor vontade, mas tambem o homem que cada um procura com mais gosto, e foi acolhido por elle com a bondade graciosa e simples que se lhe conhece, recomendando-o logo ao seu collega Pereira, que a esse tempo era ensaiador.

Com tão bom padrinho era difícil morrer *comparsa*, que é peor do que morrer moiro, e o nosso homem debutou imediatamente na comedia *Atraz de uma mulher*, que subiu á scena a 7 de abril de 1853.

Todavia—baldada tentativa—teve apenas de atravessar mais um desengano de que não podia fazer figura notável como artista comicó, e na occasião de fazer ensaio geral da peça, alguém que lhe era affeiçado ouviu dizer a dois socios do Gymnasio, fallando d'elle,—«que o director Taborda parecia querer transformar o theatro em pateo dos bichos, e que já-mais ensaiador possivel conseguiria fazer d'este discípulo, de voz de cana rachada, homem com geito para actor!»

Isto, para menino de mais fracos bigodes, seria caso para logo no ensaio prescindir da recita, e ir outra vez fazer as delicias da arte em Torres Vedras! O sr. Isidoro porém, que era teimoso como todas as vocações verdadeiras, insistiu em continuar a carreira; e na noite de 19 de julho fez-se applaudir no Manuel-ferreiro, do *Andador das Almas*, desempenhando

o papel com tão agudo chiste que não obstante estar no theatro em qualidade de discípulo com a condição de ir vivendo seis mezes sem ganhar ordenado, logo o escripturaram por seis mil réis mensaes, incluindo no contrato o mez de julho. Foi, já se vê, o *Andador das Almas* a porta abençoada por onde a Fortuna quiz de novo entrar para aquele namorado de uma noite, a quem abatera com os seus desdens!

Não havia ainda terminado a sua escriptura, e foi convidado para o theatro da Rua dos Condes, a ganhar 19\$200 réis por mez, que desprezou por 14\$400 réis que logo lhe ofereceram no Gymnasio para não pôr pé fóra de casa.

Em 1856, foi chamado pelo sr. Henrique, escripturario do theatro de D. Maria II, e em nome do sr. commissario regio se lhe ofereceu o entrar para o theatro normal ganhando 33\$600 réis por mez, e 150\$000 réis cada anno a titulo de beneficio.

Porque o theatro normal havia comprehendido que o sr. Isidoro era um artista util, um actor de original indole; faceto, folgasão, gracioso desde a palavra até ao gesto; um homem que nos faz rir na scena e fóra da scena; creatura que, ao sair do palco, se não entrega á morosa tristeza, ao indissivel mau humor, que de ordinario persegue na vida os espiritos que escolheram por profissão o divertir-nos, e que ao lavarem a caracterisação no camarim ficam palidos, melancholicos, e contrariados.

Não! porque Isidoro é o homem jovial e risonho, o *bon-vivant*, o patusco de toda a hora, aquelle typo de que o cavalleiro de Oliveira gostava tanto, para sociedade e convivencia, que chegou a dizer das pessoas graves e sisudas: Se um homem se puzer ao officio de viver serio, creará malvas á porta!

O caso foi, que o sr. Isidoro participou isto á sociedade do Gymnasio, esta fez-lhe pensar que aquelle interesse seria de um anno apenas, e por conseguinte que lhe dava o mesmo durante o primeiro anno, e a 24\$000 réis nos dois seguintes, com um beneficio por 57\$000 réis, unico exemplo que havia entre escripturados do Gymnasio. Em junho de 1857, seguiu a companhia para o Porto, onde foi feliz como em Lisboa.

Convidaram-o em dezembro para fazer parte da companhia que se estava formando com destino ao famoso theatro de Va-

riedades, e como não houvesse paridade de interesses na escriptura do Gymnasio, ou n'esta, o sr. Isidoro quiz quebrar aquella. Foi questão de jornaes, e de tribunaes que teve em resultado as *Variedades* darem 400\$000 réis ao Gymnasio a titulo de indemnisação, cousa a que a primeira direcção d'este theatro se prestou sem difficuldade, para pôr termo á renhida contenda de emprezas e de advogados, em cujo centro o nosso homem se encontrava como um menino entre doutores, vendo agitar-se em redor de si muita gente e muitas discussões, e lisongeando-se todo por se vêr requestrado por dois rivaes de força!

Representou n'este theatro, com grande e merecido sucesso, o papel de Abdalah na *Loteria do Diabo*, e foi um desenfadado e risonho Sancho Pança moral n'este papel de pagem, cuja indole e estylo se encostaram sempre aos do immortal escudeiro da novella de Miguel Cervantes.

Uma vez,—cousa de seis mezes depois da *Loteria do Diabo*—Isidoro veiu encontrar-me, e pedir-me que lhe escrevesse uma peça. Estava descontente com os papeis que tinha, disse-me elle, e vivia no desejo de representar uma parte séria.

—Uma parte séria!? exclamei. O Abdalah da *Loteria do Diabo* n'uma parte séria! Mas, meu amigo, que fonteria é essa de querer sacrificar-se a um genero que não é o seu?

Assegurou-me que, em vez de sacrificio, seria ao contrario um grande empenho para a popularidade do seu nome, porque sentia a consciencia de não se perder a si, nem ao papel, por mais dramatico que lh'o escrevesse. Durante os dias que se seguiram, insistiu tenazmente para que eu principiasse a trabalhar na peça, e duas semanas depois tinhamos obra.

A parte que lhe destinei era um papel de meio caracter, que apenas nas ultimas scenas assumia toda a elevação dramatica, e que, no decurso dos dois primeiros actos, jogava a todo o momento entre o drama e a comedia. Intitulou-se a peça *O Tio Paulo*, e o sr. Isidoro executou o papel do protagonista.

A peça havia sido bem annunciada, e na primeira representação a casa encheu-se. Antes do erguer do panno, fui vê-lo

ao camarim, e dei com o meu homem caracterizado de velho respeitavel, conforme o papel pedia: puz-me a olhar para elle, a vêr se me fazia rir, mas effectivamente não me ri; isto pareceu-me já uma grande condição!

Encostei-me a um bastidor, resolvido a vêr a peça com uma pouca mais de confiança, do que sentia antes de o ir vêr ao camarim; eu só lhe havia recommendedo que se lembrasse que tinha n'essa noite de fazer chorar o publico em vez de o fazer rir!

Durante o decurso da representação, houve-se com extrema habilidade, e na scena final do drama teve instantes de inquestionavel talento dramatico, em que as lagrimas lhe saltaram espontaneas e vehementes. Da parte d'este actor, considerei isto como um milagre. Isidoro chorar! Isidoro fazer chorar!—Oh Deus santissimo, como este homem nos tem enganado!—dizia o publico que não cabia em si de admiração, e que por mais que abrisse os olhos não conseguia descobrir no tio Paulo o sacristão do *Algarismo*, o legatario do *Testamento*, ou o Abdalah da *Loteria*!

Onde, porém, o talento d'este artista se manifesta, a meu vêr, de uma forma mais pronunciada e decisiva, é na comedia *O Testamento*, que já se havia representado no Gymnasio, e que o theatro de Variedades fez de novo subir á scena. *O Testamento*, é uma antiga comedia de Regnard *Le légataire*, de que o sr. Francisco Palha fez uma graciosissima imitação. A peça tem tres actos, e o protagonista está durante os tres actos sentado n'uma cadeira, por não se poder mecher de entrevado. A fabula tem o cunho das antigas composições theatraes, mas o estylo da imitação deu á comedia toda a frescura da scena moderna, e por cada phrase se iria jurar que a peça era escripta de hoje, tão palpitante é a satyra ás cousas d'esta época. O entrevado é um velho ranhoso, que está sempre a tossir, e que não tem movimento do lado direito. Leva os seus dias a tirar-se da cama para a cadeira, e da cadeira para a cama; o que não impede que o façam pagar decima para as estradas, a elle, que está sempre no quente! Uma occasião, lembra-se de casar; e anda n'esses ajustes, ou para dizer melhor, andam n'esses ajustes com elle, pois que não é senhor

de dar um passo, quando os creados que viviam no engodo de lhe ficarem herdeiros, principiam a enredar as cousas para que o casamento fique em tenções. Mas o velho resmunga, grunhe, e insiste. É o caso da phrase de Tacito, fallando da audacia de Sylla: *Sylla inops, unde precipua audacia.* A sua miseria era a principal base da sua audacia! O peor é, que a teima vae tão rija, que os creados resolvem entrar na lucta, e a valer! O mariolla do domestico disfarça-se com bigode e cabellos ruivos, e entra pela casa dentro em grande allarido, dizendo que é o sobrinho do entrevado, que estava não sei em que terra e que chegou de viagem. O pobre doente, fica logo com a cabeça estonteada de tanta gritaria; porque o rapaz para dizer qualquer cousa grita e bate com os pés no sobrado, que é de tremer o predio, ameaçando-o mesmo de lhe *fazer e acontecer*, no caso de contrahir nupcias com a noiva que tem de olho. Dito isto, dá quatro patadas em cima d'aquele sobrado, desata um berro de fazer surdo o diabo, abre a porta com um murro, e sae deixando o tio pasmado e cheio de susto.

— Ó Brites! diz o entrevado em voz convulsa, para a creada. Fecha-me já a porta! Fecha á chave! Fecha-a a duas voltas! Põe-lhe tambem a tranca! Que isto, Deus me accuda, é capaz de ser algum dos Brandões!

Não satisfeitos com tanta judiaria, estes famulos diabólicos, resolvem fazer um testamento falso, e em quanto o entrevado está na cama a dormir a sésta, o creado veste-se como elle, senta-se na cadeira do costume, tosse e grunhe como o amo, e dicta na presença de tabelliões um testamento em que deixa tudo a si!

Eis que, a creada que estava de vigia, vem avisar que o amo accordou: o falso doente despede os tabelliões dando a historia por acabada, e assim que elles voltam costas despoja-se da nisa de briche côn de mel, propriedade do amo, e de um enorme barrete de pelles em que elle costuma enterrar a cabeça. O amo veste-se, tira-se da cama e, já se vê, vem para a cadeira. Porém o tabellião que lhe esqueceu uma cousa, volta atras, e acha-se com o verdadeiro entrevado que elle supõe ser o que momentos antes lhe fallou. O doente é que fica

pasmado de que elle lhe faça tão pouca festa, e desata a dar-lhe os bons dias e a perguntar-lhe como vão os seus, cousa a que o homem já tinha respondido ao entrevado n.º 2.

— Tudo vae bem, agradecido! Então não lhe disse ainda agora?

— A mim! responde o doente maravilhado.

— Sim, é que não reparou. Ora, vamos nós ao que serve. Aqui no testamento, disse vossa senhoria e eu lavrei...

— Heim?

— Disse vossa senhoria que deixava a titulo de...

— Você está doido! Pois eu fiz lá testamento algum!

— E esta! diz o tabellião. Como se eu o não visse e ouvisse, ahi sentado n'essa cadeira, com essa nisa, mais esse barrete, não passou ainda um quarto de hora!

E o outro, coitado, a cair das nuvens em cada novidade que o tabellião lhe dava; e os creados, já disatisfeitos com a brincadeira, teimando que era tal e qual como o tabellião dizia!

A peça resolve-se, aclarando-se as cousas, mas sem ir niguem para o Limoeiro, que era o fim que a justiça pedia para os heroes da ação! No decurso dos tres actos, o sr. Isidoro, como caracterisação, como voz, como gestos, como intelligen-cia do papel emfim, merece que se lhe considere o desempenho d'esta parte como um papel de exame, em que nenhum actor lhe levaria a melhor!

No decurso de tres actos, tres longos actos sem intervallo, elle conservava-se magnifico de graça e de verdade, enchendo a scena com o olhar, visto que os gestos estavam vedados ao paralítico que passava a vida na cama e na cadeira! Nem um instante sequer, desmentia a indole e a enfermidade do seu personagem. Tres scenas da peça bastariam para cançar o publico, por vêr sempre sentado o protagonista: tres scenas bastariam para cançar o actor, mesmo por ter de estar sentado sempre; e, todavia, quando o panno baixava no ultimo acto, depois de algumas trinta scenas, nem o actor estava fatigado, nem o publico! Esta peça,—insisto ainda,—é o melhor dos triumphos de todo o vasto reportorio de Isidoro. Na execução d'ella, desapparecem da parte d'este actor, os defeitos habituaes da sua escola: o extremo relêvo que tenta dar á expres-

são da idéa, a infinita condescendencia com que se presta a lisongear o gosto muitas vezes detestavel das platéas, o exagero emfim — para darmos a este vicio d'arte o seu mais simples nome.

Os aplausos de cada noite, e os momentaneos triumphos da scena, seduziram este actor logo nos primeiros passos da sua carreira artistica: todavia, até ao momento de deixar o Gymnasio pelas Variedades, havia tido sempre a seu lado o grande talento da simplicidade e da naturalidade — Tabor-da, e nunca poude desafogadamente entregar-se aos desvarios da exageração scenica, que em vez de impressões duradouras só ambiciona effeitos de momento. Para seu mal, estava-lhe reservado no destino, aquelle doido capricho de ser o primeiro n'um theatro, capricho que lhe comprometteu o futuro deixando-lhe sentir que para um artista que está principiando a carreira, não é applicavel o preceito de Cesar, de 'antes primeiro dos ultimos, que ultimo dos primeiros'. Se se houvera conservado no theatro do Gymnasio, aproveitando o tracto e convivencia scenica de alguns artistas muito regulares e do primeiro actor comicó da uossa terra, haveria hoje colhido resultados que de nenhuma forma devia haver esperado de um theatro de terceira ordem; digo terceira ordem, porque os melhores que temos são de segunda: se o ha cá de primeira, está vago!

A ida para as Variedades tinha de lhe ser fatal, e foi. O genero do reportorio d'este theatro, auxiliava, encaminhava, aconselhava quasi os defeitos artisticos do sr. Isidoro; magicas, e farcas, formavam este reportório. O genero chamava um certo publico, e este publico era justamente o unico que aplaude nos actores esses excessos que a arte condena mas que a gargalhada anima. As magicas das Variedades por um lado, — o publico das Variedades pelo outro, eram capazes de perder o actor mais rebelde á exageração, quanto mais o sr. Isidoro que — diga-se a verdade — nunca lhe foi muito desafeiçoado!

Nomeado ensaiador, cargo para o qual não se pôde considerar competente este artista, se attendermos ás condições exigiveis para este logar — o sr. Isidoro teve desde a sua en-

trada nas Variedades que repartir o espirito pelas atribuições de ensaiador, e pelas atribuições de actor. Era pesada tarefa para um artista pouco experiente, que de mais a mais se via a braços com um theatro recem-nascido! Mas, por muito alcance de vontade e aturado empenho em superar dificuldades, conseguiu sempre não fazer tonterias em que o seu credito perigasse a par dos interesses do theatro. Com uma assiduidade recommendavel, era elle sempre o primeiro a appa recer no palco, e o ultimo a sair de lá. Apesar de tudo, não tardaram as intrigas de bastidor, as indisposições inevitaveis em todos os corpos collectivos, a procurar abalar a segurança da sua cadeira de ensaiador; ainda assim, *audaces fortuna juvat*: o homem quanto mais lhe empatavam as vassas, melhor jogo fazia!

A 31 de maio de 58 representou-se o *Mundo ás avessas*, e no fim do 1.º acto que terminava com seis ou oito palavras depois de um côro, o publico chamou os actores, e o sr. Isidoro, tendo mandado levantar o panno, agradeceu com os mais que se achavam em scena. Chamaram segunda vez, e pediram *bis*. *Bis* de que? Do côro, das phrases finaes, ou do acto? A exigencia era similhante, á que tiveram quando, uma vez, insistiram em que se lhe apresentasse o author, que é francez e está em França, da *Moleira de Marly*, cujo traductor é brasileiro e está no Brazil!

Ora, como este appetite de *bisar* o divertimento se manifestou cinco minutos depois do panno cair, já os actores estavam mudando de fato, e tinha-se principiado a desarmar a scena. O sr. Isidoro pareceu-lhe que o *bis* não era causa de primeira necessidade, por entender que em spectaculos d'este genero o unico *bis* é voltar segunda vez a assistir a elles; o publico das Variedades é que não o entende assim; quer ouvir as cousas duas vezes e pagar só uma!

Quando no 2.º acto entrou em scena, metade da platéa acolheu-o com pateada. Elle aparecia como uma coroa de flores na mão: começou a constranger-se e a faltar-lhe a luz dos olhos: alguns companheiros que perceberam este estado chegaram-se a elle, receando que caisse e para o animarem; isto foi peor, porque os repelli, e despedaçou em seguida a coroa

que trazia na mão. Depois, fugiu da scena, retirou-se ao camarim e rasgou-se todo. Então, como o publico percebesse o triste estado em que se retirara da scena, os proprios pateantes com os mais espectadores principiaram a chamar-o; foram buscal-o os companheiros, compozeram-lhe o traje quanto melhor poderam, e conduziram-o á scena: alli, balbuciou umas phrases de desculpa que não terminou: proseguiu na peça ajudado do ponto e dos companheiros, até que poude ir para a rua onde o foram agarrar. Levado para casa, deitaram-o: conservou-se até ao outro dia de tarde com a cabeça debaixo da roupa. A scisma d'elle era que tinha a cabeça inchada! No dia 5 de junho levantou-se, e em a noite de 6 representou pela 63.^a vez a *Loteria do Diabo*. Houve enhcente completa, essa noite, e logo que appareceu em scena, 'accommeteram-o' de pombos, cordas, ramos de flores, o grande demonio!

O actor Isidoro Sabino Ferreira... E esta! Ahi tendes *treze* sillabas no nome e emprego do nosso homem! Pois agora, por distracção vou brincar cabalisticamente com o nome do meu biographado, quasi de uma forma tão fantastica como Herrmann a achar tudo em qualquer cousa! Veja-se

O actor Isidoro Sabino Ferreira.....	13 sillabas.
Actor Isidoro Sabino Ferreira.....	13 vogaes.
Actor Isidoro Sabino Ferreira.....	13 consoantes.
Isidoro Sabino.....	13 letras.
Ferreira, actor.....	13 letras.

Não se assustem! Se anda n'isto bruxaria, não é minha mas do accaso. O numero treze, não o larga. Em qualidade de marido, quem sabe se será ainda pae de treze filhos!?

Isidoro, como homem particular, é uma creatura alegre, a quem só conheço um lado vulneravel, a ambição. Elle é ambicioso, oh Deus santissimo! mas ambicioso de uma fortuna, ambicioso de uma libra, ambicioso de um tostão!

Nasceu com a bossa da economia, e se fosse rico era o typo do avarento. Nós conhecemo-nos desde que elle appareceu na scena: era eu traductor do theatro do Gymnasio, quando elle entrou como actor; eu saía das aulas e ia para o ensaio, levando debaixo do braço uma algebra e uma comedia:

Isídoro agarrava em ambas, e entendia tanto uma como outra, se a peça era em francez. No dia seguinte ao do seu primeiro beneficio comprou uma arithmetic, e aprendeu contas com medo que lhe dessem dinheiro de menos. Em 1855, pediu uma grammatica franceza e um dicionario emprestados e um mez depois traduziu *Le gastronome sans argent*, com o titulo *Sem jantar*. No meio de tanta erudição, tinha-lhe esquecido uma cousa, que era saber escrever! Uma pessoa não se pôde lembrar de tudo. Comprou um tratado de orthographia e estudou o que por alli lhe pareceu melhor e mais necessário.

É extremamente accedo e extremamente economico no facto. Mas,—nunca na minha vida encontrei um homem que se vista peor! O leitor olhando para o retrato do nosso homem, vê-o com um lindo 'frac' que o sr. Sousa se esmerou na gravura em tornar digno do molde de Keil ou do Catarro: mas o que o leitor não sabe é que esse lindo casaco que ahi vê no retrato, retrato aliás excellente, é de baeta ou de ourélo! Se elle tivesse chapeu, ou era um de castor branco, dos de meia moeda, horroroso traste que a sociedade lhe admira ha tres annos, ou algum d'uma loja na rua dos Cavalleiros, que compra chapeus usados, estende-lhe a seda n'outro casco, e vende por dez tostões chapeus novos de pêlo velho!

Estou a escorchar-lhe o systema economico, e sou todavia quem menos razão tem para o timbalear n'este lado fraco, porque elle teve já para comigo nma grande largueza de animo. Uma vez, que estava no meu quarto pegou n'um sabonete:

— Quanto custou este sabonete?

— Deram-m'o. Não é dos caros, mas acho-o excellente.

Isídoro olhou muito para elle, leu-lhe a fabrica, e tornou a pô-lo no seu lugar. Depois, continuou a ir visitar-me, até que um dia apareceu mais cedo, e mais alegre que de ordinario: conversámos pouco, porque eu estava escrevendo. Elle tirou um embrulho da algibeira, e pondo-m'o ao pé do tinteiro, disse-me:

— As pequenas lembranças entretem a amizade!

Depois saiu.

Desembrulhei o papel e desatei a rir. Era um sabonete!

GALERIA ARTISTICA
COLLECCAO DE BIOGRAPHIAS DOS ACTORES CONTEMPORANEOS

DE
POR TUGAL E BRAZIL

ESRIPTAS PELOS SRS.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA e JULIO CESAR MACHADO

ILLUSTRADAS PELO SR.

J. P. DE SOUSA

EDITOR

ARISTIDES ABRANCHES

NUMEROS PUBLICADOS

1.º DELPHINA — 2.º ISIDORO

NO PRELO — 3.º ROSA

PREÇO DE CADA BIOGRAPHIA

Por assignatura.....	160 reis.
Avulso.....	200 »

Vende-se e assigna-se em Lisboa nas principaes lojas de livros — no Porto em casa do sr. Freitas Fortuna, rua das Flores n.º 250 a 253 — e em Coimbra na loja da imprensa da Universidade.

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA



3 0112 044879242